

A LINGUAGEM DA FOTOGRAFIA DIGITAL E OS NOVOS DESAFIOS PARA O FOTAJORNALISMO

THE DIGITAL PHOTOGRAPHY LANGUAGE AND THE NEW CHALLENGES OF PHOTOJOURNALISM

Cantídio Sousa Filho (UFPI)¹

Resumo: Passadas duas décadas em que a fotografia analógica foi substituída pela fotografia digital nos jornais diários impressos, este artigo procura compreender as principais transformações ocorridas nas rotinas de trabalho dos fotojornalistas. Para isso é investigado esse período de transição no Jornal O Dia, impresso diário mais antigo do Piauí, em circulação desde 1951. Busca compreender quais foram as principais alterações consolidadas, as vantagens, desvantagens e perspectivas para a atividade contemporânea em fotojornalismo nos jornais diários impressos. Foi utilizada como método a História Oral, quando foram constituídas fontes orais e elaboradas entrevistas com repórteres fotográficos, editor e gestor que vivenciaram a transição da fotografia analógica para a digital. São também consultados pesquisadores que investigam o impacto das mudanças tecnológicas digitais na fotografia. Esse estudo constata que novas práticas vêm sendo consolidadas e que, ao tempo em que impõem novos desafios como, a polivalência de funções e de novas competências e linguagens, também enfraquece a atividade de fotojornalismo.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Fotografia digital. Práticas jornalísticas. Jornal O Dia.

Abstract: After two decades that analogical photography was replaced by the digital photography on daily printed newspapers, this article intends to comprehend the main transformations occurred in the routine work of photojournalists. To achieve this goal it is necessary to investigate this period of transition on the Jornal O Dia, most ancient press on Piauí, circulating since 1951. Seeks to comprehend which were the main consolidate changes, the advantages, disadvantages and perspectives to the contemporaneous activity in photojournalism on daily printed newspaper. The used method was the Oral History, when oral source were constituted and interviews with photographic news reporters were elaborated, editor and manager that experienced the transition of analogical photography to digital. Researchers that investigate the impact of technological digital changes in photography were also consulted. This study notes that new practices have been consolidated and, at the same time impose new challenges like the polyvalence of functions and of new competences and languages and weakens the photojournalism activity.

Keywords: Photojournalism; Digital Photography; Jornal O Dia.

¹ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFPI.

Apresentação

No início dos anos 1990 aconteceu no mundo uma disrupção do processo de produção das imagens fotográficas. O surgimento da tecnologia digital desbancou o processo analógico que prevaleceu por mais de cem anos e que registrava imagens através de filmes, revelava películas e cópias fotográficas em laboratório, com auxílio de substâncias químicas. Com a digitalização, o processo de obtenção da imagem e o uso da câmera foram simplificados, fato que contribuiu para tornar a fotografia ainda mais acessível e indispensável à produção de informação.

A introdução da câmera digital trouxe apreensões, inquietações, dificuldades, reciclagens, não adaptações e significativas transformações no ambiente de trabalho dos repórteres fotográficos. Nesse sentido, esse artigo investiga quais foram as principais mudanças e consequências ocorridas no fotojornalismo do jornal *O Dia* a partir do uso da fotografia digital nas rotinas produtivas na redação desse impresso diário que circula em Teresina, capital piauiense, desde a década de 1950.

A investigação partiu da afirmação de que a chegada da fotografia digital trouxe profundas transformações nas rotinas de trabalho dos profissionais do fotojornalismo da empresa *O Dia*. Nesse sentido, questiona-se: Qual foi o impacto do processo de digitalização da redação de *O Dia* na rotina produtiva? Quais as mudanças e consequências na produção de fotografias e do fotojornalismo de *O Dia*?

São analisadas as principais transformações nas rotinas de produção do fotojornalismo de *O Dia*, acontecidas nos anos de 2002 e 2003, período em que aconteceu a transição da fotografia analógica para a digital. Como era feito o registro, a revelação e o tratamento da fotografia na era analógica, como essa fotografia tramitava no interior da redação e, com a chegada do processo digital, quais foram às alterações tecnológicas que interferiam na prática dos repórteres fotográficos.

O método de investigação foi o estudo de caso sobre o processo de digitalização fotográfica em *O Dia*, que ocorreu a partir da introdução da câmera fotográfica de marca *Copix*, que foi trazida dos Estados Unidos e colocada à disposição da redação durante o segundo semestre de 2002, pelo diretor geral da empresa, Valmir Miranda. Também foi utilizado como método a História Oral,

quando foram constituídas fontes orais e realizadas entrevistas com repórteres fotográficos, editor e gestores que vivenciaram a transição da fotografia analógica para a digital. Para contextualizar melhor a pesquisa também foram feitas entrevistas com fotojornalistas de outros dois diários impressos de Teresina, o jornal *Meio Norte* e o jornal *Diário do Povo*.

A “DISRUPÇÃO” DIGITAL NO FOTOJORNALISMO

Todo processo de mudança tecnológica traz apreensões e incertezas no ambiente de trabalho das empresas. Segundo Castilho (2016), quando uma inovação resulta numa grande transformação, provoca o que se pode chamar de “disrupção”, expressão que tem sido usada nos últimos tempos para identificar os traumas da transição de uma era tecnológica para outra mais avançada. Disrupção é uma palavra nova no vocabulário brasileiro, é originária do termo anglo-saxão, *disruption*, que significa uma confusa etapa transitória de um modelo em crise para outro mais avançado, inovador.

Pode-se afirmar que uma disrupção ocorreu com o processo de digitalização dos jornais impressos, particularmente da fotografia, que desbancou a forma de obtenção da imagem analógica que vigorou por mais de um século. Com isso, a gravação da imagem se modificou e ocorreram alterações dos equipamentos, do modo de se fotografar e de fazer o jornal impresso. Conforme Benazzi (2010, p. 3), o processo de digitalização proporcionou um consumo maior de imagens e alterou o “modo de se pensar, produzir e consumir imagens”. O autor acrescenta que o fotojornalismo vem sendo convocado a reinventar a sua linguagem, uma vez que grandes transformações ocorreram no processo produtivo, no dia a dia de trabalho dos profissionais, no planejamento e na composição das imagens nas páginas das publicações.

As disrupções tecnológicas afetam as pessoas, geram resistências, incertezas porque não se acredita que o novo prevalecerá, falta informação e conhecimento. Mussoline Guedes (2016) argumenta que a chegada da câmara digital pode ser considerada uma mudança radical porque era também uma alteração física, tátil. Antes, na era analógica, pegava-se no papel, podia-se ver a

fotografia impressa no papel, tocá-la; na digital vê-se na tela, não se pega na imagem, apenas visualiza-a, não se sabia se a qualidade corresponderia quando fosse impressa no papel. No papel se podia ver se estava claro, se estava escuro, se tinha qualidade.

A principal vantagem, conforme Giacomelli (2000), da fotografia digital para a atividade de fotojornalismo é a rapidez com que as fotos ficam prontas para serem editadas. Na era analógica levam-se quase duas horas entre o processo de revelação do filme até a foto ser escolhida pelo editor. Quando a imagem é produzida por uma câmera digital, basta transferi-la para um programa de computador e editá-la. E mais, com o auxílio da internet não é mais preciso o retorno do fotojornalista à redação para avaliar o material que será publicado. Para os jornais que precisam fechar diariamente suas edições, com muitas notícias acontecendo próximo ao horário de fechamento da edição, a fotografia digital possui vantagem competitiva.

Para Jorge Pedro de Sousa (2002), a fotografia digital oferece uma série de vantagens para a intervenção humana. A imagem ao ser digitalizada é transformada em *pixels*, que são pequenos quadrados, elementos da foto, que podem ser transformados ou transportados e permitem alterar a imagem de diferentes maneiras. Passam, então, a existir milhões de opções em cores com possibilidades de correções e alterações cromáticas, ajustamento de contrastes, clareamento, escurecimento. São inúmeros os efeitos que podem ser extraídos, como o de mudar a imagem colorida para preto e branco, além de permitir o reenquadramento, alteração do ponto de vista, mistura de imagens; colocação, substituição e retirada de pessoas e objetos.

Assis Fernandes² (2016), que trabalha como fotojornalista de *O Dia* desde 1994, defende ser a agilidade a maior diferença entre a foto analógica em relação à digital. Antes, o fotógrafo tinha que ter o cuidado com a luz, depois ia revelar o filme para, então, ver o resultado do produto; enquanto que agora não, se faz a foto e, imediatamente, se não deu certo, o fotógrafo faz de novo outra e pode fazer isso

⁴ Francisco de Assis Fernandes de Araújo, 52 anos, é paraibano e tem segundo grau incompleto. Atua no jornal *O Dia* há 23 anos, tendo já trabalhado como laboratorista, com câmeras analógicas e, atualmente, com as câmeras digitais.

várias vezes. Prática que na analógica era limitada, pois a cada 36 (trinta e seis) fotos tinha-se que tirar o filme e colocar um novo.

Francisco Gilásio³ (2016), que trabalha como fotojornalista no jornal do *Diário do Povo* desde 1993, considera que a era digital vem transformando os novos profissionais da área mais em editores de imagens do que em repórteres fotográficos. Na era analógica, como os filmes eram caros, a empresa determinava que cada fotojornalista fizesse somente 04 (quatro) fotos de cada acontecimento. O fotógrafo conta que essa exigência serviu para aprender a observar, esperar, ser disciplinado e prevê qual o 'instante decisivo' para acionar o disparador e fazer fotos na quantidade necessária para não ter muito trabalho na hora da edição. Os novatos usam bastante a câmera no modo automático e dificilmente sabem usar no modo manual.

A maior facilidade de perda das imagens é também apontada por Francisco Gilásio (2016) como um problema na era digital. Ele considera que na era analógica, mesmo se a cópia em papel fosse perdida, se tinha o filme e essa poderia ser feita novamente. Com a digital, embora a qualidade da imagem seja preservada, existe uma insegurança maior, pois os suportes onde são gravadas e guardadas as imagens mudam rapidamente do ponto de vista tecnológico e as pessoas dificilmente reproduzem suas imagens em papel, preferem guardá-las nos computadores, *pendrives*, celulares que estão mais sujeitos a extravios ou mesmo furtos e roubos.

A atividade de fotojornalismo foi encurtada no interior dos jornais impressos com a tecnologia digital. Freire (2009) pontua que uma infinidade de recursos técnicos deram mais velocidade, menor custo e maior integração do processo produtivo. Várias etapas deixaram de existir, como a revelação de fotos, os contatos para escolha e edição das imagens. Programas de computadores que processam imagens digitais possibilitam edição imediata, o tratamento de luz e cores, além de melhorarem a qualidade de reprodução das fotografias.

Ao ser questionado sobre as vantagens da era digital nas redações do jornal em que ele trabalha, Francisco Gilásio (2016) avalia que a era digital facilitou o ato

³ Francisco Gilásio da Silva Sousa, 57 anos, atua como fotojornalista do jornal *Diário do Povo* há 24 anos, tendo já trabalhado como laboratorista, com câmeras analógicas e digitais.

de fotografar, ao mesmo tempo em que multiplicou o número de pessoas no mundo que se acha fotojornalista. Na era analógica, a quantidade de pessoas que sabia colocar o filme na câmera era pequena, problema este que foi simplificado com o cartão de memória. Com aquela tecnologia tinha-se que conhecer mais sobre o equipamento, logo, grande parte das informações não era exposta através de um *menu* capaz ensinar ao fotógrafo como proceder em diversas situações, bastando para isso conhecimento elementar da lógica de funcionamento e dos principais componentes da câmera fotográfica.

A prática do fotojornalismo requer conhecimento e domínio técnico daquele que vai fazer uso dos recursos visuais para construir melhor as informações e reforçar sentidos da mensagem jornalística. Jorge Pedro de Sousa (2004) defende ser importante que o profissional verifique a inter-relação entre a imagem, o texto, a legenda, os planos, os enquadramentos, o foco, a composição dos elementos, o equilíbrio e simetria visual, a iluminação, o foco, a relação figura/fundo e o movimento. A observação e uso dessa série de fatores visuais, além de diferenciar o trabalho do fotógrafo daquele que é produzido por amadores, dá mais especialidade a fotografia de imprensa.

Jacqueline Dourado⁴ (2017), que trabalhou em *O Dia* como editora chefe em 1991, no período da informatização do jornal, avalia que a fotografia digital traz enganos para alguns repórteres fotográficos, porque tanto na era analógica quanto na digital o profissional precisa atentar para as regras indispensáveis ao ato de fotografar, a saber: a regra dos terços, observar a profundidade de campo, a estética, o plano da imagem e, principalmente, contar com sensibilidade e a competência que o fotojornalismo deve ter para contar uma história.

Segundo Giacomelli (2000), uma das principais desvantagens da era digital envolve questões éticas, já que a imagem pode ser alterada e manipulada com mais facilidade do que no período analógico. O conteúdo pode ser alterado por programas de computadores. Para Assis Fernandes (2016), a manipulação é imperdoável, porque, mesmo podendo ser feita atualmente mais facilmente deve-se

⁴ Jacqueline Lima Dourado trabalhou como repórter no *Jornal da Manhã* e na função de editora chefe de *O Dia*, ministrou disciplinas de fotografia e fotojornalismo na UFPI - Universidade Federal do Piauí e atualmente é professora da Graduação do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI.

ter limites. Pequenas alterações podem ser admitidas, tal como já se fazia nos laboratórios analógicos, como: dar mais brilho ou acentuar contrastes de cores. Agora, fazer grandes alterações, como, por exemplo, mudar as informações contidas na imagem é “deformar e desinformar”. Ao alterar o sentido original da foto que foi captada e, num programa de edição, organizar um novo sentido, compromete a credibilidade, a confiança dos leitores nos jornais impressos e, sobretudo dos fotojornalistas.

Francisco Gilásio (2016) pontua que uma das maiores dificuldades da era digital está em fazer valer o direito autoral das imagens. Antes, bastava ter o filme guardado que o autor da imagem podia provar mais facilmente que determinada imagem era dele. Agora, basta a pessoa manipular, fazer uma pequena alteração e passa a dizer que a foto lhe pertence. Muitos fotógrafos, a fim de se protegerem de roubos de suas imagens, colocam marcas d'água e o seu nome bem grande no meio da foto. Contudo, isto praticamente não tem efeito, já que piora a leitura da imagem, pois quando é reproduzida é feita sem o consentimento do autor, é roubada e, na maioria das vezes, não é colocado o crédito da imagem ou ainda postada com pequenas alterações.

Sobre as diferenças técnicas e habilidades dos profissionais do fotojornalismo, a maioria dos entrevistados considera que na era analógica a atividade de fotógrafo tinha mais valor e só fazia fotos o profissional que conhecia e dominava a técnica. Com o advento da câmera digital, a fotografia se popularizou e banalizou. Para o fotojornalista do jornal *Meio Norte*, José Alves Filho (2016), qualquer pessoa hoje tira fotografias, embora a qualidade seja questionável. Com isso, a atividade de repórter fotográfico vem perdendo importância e vem sendo dispensada pelas empresas, mais fotos estão disponíveis na internet e que são feitas por usuários comuns da rede e leitores que enviam imagens para as redações sem cobrar nada.

O jornalista Mussoline Guedes (2016) avalia que uma das principais desvantagens da era digital é a queda de qualidade de grande parte das imagens publicadas nos impressos diários, pois atualmente quase todo mundo tem um celular com câmera fotográfica e os jornalistas, na maioria das vezes, quando não estão no lugar em que determinado fato acontece, praticamente os jornais são obrigados a

publicarem fotos ruins do ponto de vista técnico e noticioso, que são produzidas por pessoas comuns que não possuem a visão do fotojornalista.

Para Jacqueline Dourado (2017), a fotografia digital não provoca a desvalorização da atividade em fotojornalismo. O que existe atualmente é uma crise, excesso de conhecimentos, não só na área da fotografia, do jornalismo, mas de todas as ciências. As possibilidades de acesso a esses dados, fazer cinema com o celular, transmitir informações e imagens por aparelho móvel, são infinitas e não se sabe o que fazer diante disso. Logo, o profissional que domina essas novas tecnologias e tiver talento sempre terá o seu trabalho reconhecido. A pesquisadora acrescenta que do fotojornalista sempre será cobrado que relate o acontecimento com olhar peculiar, com um ângulo diferente para que sua imagem ganhe a preferência dos leitores.

Em tempos de convergência digital, o jornalismo requer maior integração, interdependência e complementaridade. José Afonso Silva Junior (2008) pontua que isso trouxe uma nova articulação do trabalho no interior das empresas, quando pacotes tecnológicos são adotados, demandas educacionais e profissionais são postas, são incorporadas novas gramáticas narrativas e redefinidas competências no que se tange a produção, edição, tratamento e circulação das informações.

O perfil de quem exerce o fotojornalismo foi alterado com o processo de digitalização. José Afonso Silva Júnior (2011) afirma que para ser fotógrafo de imprensa na atualidade é necessário dominar novos saberes tecnológicos, o que implica em não apenas se adaptar a um fluxo de trabalho não somente digital, mas que também requer conhecimento sobre “gramáticas de vídeo, textuais, sonoras, de informação, além, claro, de estabelecer alternativas de interoperabilidade entre sistemas tecnológicos e rotinas de trabalho” (JUNIOR, 2011, p. 61).

Arlindo Machado (2010) considera que a digitalização da fotografia trouxe uma infinidade de possibilidades. Como consequência disso podem-se fabricar novas imagens resultantes de fusões, misturas de fotografias já produzidas e que vem ajudando a derrubar o mito de que a fotografia representa a realidade, além de servir renovar a linguagem visual e estética.

A era digital trouxe mudanças significativas na rotina de trabalho do fotojornalista. Silva e Queiroga (2010) apontam quatro características desse novo

modelo de produção: polivalência, multi/hipermidialidade, multiplataforma e cooperação. Os autores afirmam que a polivalência impõe que o fotógrafo adquira novas competências, como, por exemplo, o tratamento e a indexação de fotos em computadores, além de aprender utilizar redes digitais e sistemas de transmissão de dados. A multi/hipermidialidade requer que o profissional saiba compor a linguagem fotográfica a outras, permitindo, assim, “navegação midiática”. Já multiplataforma é a habilidade de distribuir conteúdos de diferentes formas, tendo a internet como a plataforma de maior potencial, e a cooperação, que importa promover a inter-relação entre diferentes setores de um mesmo núcleo produtivo.

Dutra e Rossoni (2012) acrescentam que outra habilidade necessária para o desempenho da atividade de repórter fotográfico na era digital é a multifuncionalidade profissional, onde se exige que ele, além de fotografar, também escreva a matéria e há casos em que ainda é o seu próprio motorista. Os autores afirmam que essa nova rotina precariza o trabalho do fotojornalista, pois os contratos são mais flexíveis e a jornada de trabalho aumenta, permitindo também o exercício da atividade por *freelancer* ou estagiários. As empresas passam a exigir maior produtividade e reduzem seus custos, o que resulta em aumento dos lucros.

OS DESAFIOS DO FOTOJORNALISMO DE O DIA NA ERA DIGITAL

Os anos de 1990 e a primeira metade dos anos de 2000 foram de grandes transformações do jornalismo impresso diário de Teresina, capital piauiense. Nesse período, circulavam três grandes jornais diários: *O Dia*, *o Meio Norte* e *o Diário do Povo*. Todos eles, nesse período, informatizaram suas redações, tiveram o processo produtivo interligado via internet e incorporaram a fotografia digital. *O Dia* foi pioneiro na implantação de computadores no começo dos anos 1990 e *o Meio Norte* o primeiro a usar, em 1998, câmeras digitais em sua redação.

Essas três empresas jornalísticas implantaram câmeras digitais em suas redações com atraso em relação aos principais jornais diários impressos de circulação nacional. Em Teresina, o jornal *Meio Norte* foi o primeiro a implantar, em 1998, a câmera digital, quando nesse mesmo ano o jornal *Folha de São Paulo* já usava câmeras digitais para fazer imagens da Copa do Mundo na França. *O Dia*, por

sua vez, passou a utilizar a sua primeira câmera digital de marca Copix em 2002 e o *Diário do Povo* em 2004.

O jornal *O Dia*, de propriedade do empresário Valmir Miranda, é o mais antigo diário em circulação em Teresina. Sua trajetória como empresa jornalística ganha maior impulso após ser adquirido pelo coronel Otávio Miranda, em 1963. *O Dia* começa essa fase na segunda metade dos anos 1960, que é quando seu parque gráfico é modernizado e profissionais são contratados para escrever textos mais jornalísticos. Nos anos 1970, a impressão passa a ser feita em *off set*, processo que deu mais qualidade à publicação de fotografias. Nos anos 1980, as matérias jornalísticas ainda eram feitas em máquinas de escrever pelos redatores. No início dos anos 1990 foi a vez da introdução dos computadores na redação, seguida da interligação em rede e da implantação da internet. No segundo semestre de 2002, aconteceu a chegada da primeira câmera digital.

A economia de custos foi o que levou *O Dia* a implantar a câmera digital na redação. Mussoline Guedes (2016), que era o editor do impresso, em 2002, atribui que a motivação principal não foi a melhoria da qualidade das imagens no jornal, até mesmo porque as fotos tiradas pela primeira máquina digital não eram boas, e sim a redução de custos com suprimentos laboratoriais. Já Francisco Gilásio (2016), fotojornalista do *Diário do Povo*, relata que a chegada da câmera digital no jornal, além de desmontar o laboratório, acabou com a compra de filmes, com o processo de revelação e ampliação de cópias, com a compra de substâncias químicas.

Na era analógica, a concorrência era maior entre os próprios fotojornalistas para ver quem tirava uma foto melhor. Conforme jargão da época, o jornalista corria atrás do “furo de reportagem”, ver quem “emplacava” a foto de capa. De acordo com Assis Fernandes (2016), o trabalho como profissional do fotojornalismo era “mais vibrante” porque naquele período a internet não tinha o peso que tem hoje. Portanto, uma “foto boa” repercutia 24 (vinte e quatro) horas. Francisco Gilásio (2016) narra que se o repórter fotográfico tivesse a possibilidade de escolher uma pauta com grande chance de ser o destaque maior da capa, ele fazia sem qualquer objeção.

O processo de digitalização da fotografia trouxe desemprego e reduziu a importância da atividade profissional dos fotojornalistas. Assis Fernandes (2016) afirma que a facilidade de manuseio da câmera digital possibilitou a “massificação”

da atividade de fotografar, o que trouxe a concorrência de amadores que fotografam como colaboradores para as empresas jornalísticas. José Alves Filho (2016) pontua que a profissão vem sendo desvalorizada e que grande parte dos profissionais migrou para fazer fotografias sociais. As empresas impõem que o repórter fotográfico, além de fotografar, também escreva e faça edição, isto é, o profissional exerce três e, às vezes, até quatro funções, caso contrário, são dispensados e substituídos por estagiários.

Mussoline Guedes (2016) considera que a desvalorização profissional na era digital vem acontecendo devido ao alargamento de possibilidades da câmera fotográfica que presentemente agrega mais tecnologia. Avalia que da fase analógica até a contemporaneidade só foi preservada a visão do fotojornalista na hora de fazer suas imagens. As novas câmeras ampliaram os recursos técnicos disponíveis e se tornaram mais fáceis de serem usados pelos fotógrafos e pessoas comuns.

Francisco Gilásio e José Alves (2016) defendem que a valorização da profissão deve passar, notadamente, pela melhoria salarial. Enquanto isso não acontece, a atividade de fotojornalismo não vem sendo renovada, pois profissionais recém-formados pelas universidades não querem passar a vida inteira ganhando apenas o piso da categoria, que atualmente corresponde a dois salários mínimos. Preferem fazer fotos sociais ou ingressarem em outras profissões ou mesmo fazerem outros cursos para que seus trabalhos sejam mais valorizados e reconhecidos.

No ano de 2002, trabalhavam como fotógrafos em *O Dia*, Francisco de Assis Fernandes de Araújo, hoje com 52 anos e segundo grau incompleto; Elias Pereira Fontenele⁵, atualmente com 62 anos e primeiro grau completo. Assis Fernandes, como é mais conhecido, é paraibano e migrou para Teresina em 1984, oportunidade em que veio trabalhar no estúdio fotográfico do irmão como laboratorista e fotógrafo de eventos sociais. Em 1986, passou a fotografar para a assessoria de comunicação do governo estadual e, em 1994, ingressou como fotojornalista de *O Dia*. Elias Fontenele é piauiense iniciou na profissão, em 1978, trabalhando com amigos como

⁵ Elias Pereira Fontenele, 62 anos, é piauiense e exerce a atividade de fotojornalista de *O Dia* há 35 anos, tendo trabalhado como laboratorista, com câmeras analógicas e digitais.

fotógrafo e laboratorista e, após fazer um curso da Kodak, passou a atuar por conta própria. Em 1982, ingressou em *O Dia* como repórter fotográfico.

Assis Fernandes e Elias Fontenele, quando ingressaram no jornal, faziam o trabalho de laboratoristas e de fotógrafos. Ao chegarem ao jornal cedo da manhã conferiam se as substâncias químicas usadas na revelação de filmes e na ampliação de cópias fotográficas estavam boas, caso não tivessem, precisaria prepará-las para ganhar tempo; conferir os filmes que tivessem na bolsa e caso não fossem suficientes para o trabalho daquele dia teria que rebobinar mais filmes. Estes eram comprados em rolo e para que fossem utilizados deveriam ser levados para o laboratório e cortados no tamanho de 36 (trinta e seis) ou 40 (quarenta) poses para, em seguida, serem colocados nos cartuchos. Assis Fernandes e Elias Fontenele narram que, antes de saírem às ruas, recebiam sugestões de pauta do chefe de reportagem e depois seguiam para produzir imagens junto com uma equipe com um motorista e um repórter. Ao chegarem da rua entravam no laboratório, revelavam o filme e era feito o “copião”, uma espécie de folha de papel fotográfico contendo as imagens impressas em pequeno tamanho, onde as melhores fotos eram escolhidas pelo editor ou secretário de redação para serem ampliadas e depois planejadas, diagramadas nas páginas da publicação.

Assis Fernandes e Elias Fontenele, ambos fotojornalistas de *O Dia*, relatam aspectos importantes que marcaram o período da fotografia analógica. Assis Fernandes (2016) afirma que o exercício da profissão era “vibrante”, pois não tinha internet, redes sociais, por conseguinte, um “furo de reportagem” durava 24 (vinte e quatro) horas, uma foto boa repercutia de “forma extraordinária”. Na era analógica, os fotojornalistas não tinham a concorrência de pessoas amadoras, cuja maioria, quando possuía equipamentos, era inferior. Então, a concorrência acontecia entre os próprios repórteres fotográficos que travavam uma luta diária para ter a foto principal na primeira página.

Mussoline Guedes (2016) afirma que durante a introdução da câmera digital em *O Dia* houve resistências e dificuldades, tanto na hora de ver as fotografias digitais e decidir colocá-las nas páginas, quanto dos fotógrafos ao manusear as novas câmeras e os programas de computador. O jornalista acrescenta que o processo de aprendizagem foi lento, a câmera digital passou a ser usada

gradativamente, com o tempo foi sendo testada e nem todas as matérias eram ilustradas com fotografias feitas por ela. No começo, a máquina Copix era usada apenas em matéria interna feita na própria redação, quando vinha uma pessoa ao jornal e se dizia para testá-la para ver se funcionava. Foi um processo gradativo e desenvolvido com certa desconfiança porque era uma tecnologia nova e desconhecida.

O fotógrafo de *O Dia*, Elias Fontenele (2016) recorda que no começo teve dificuldades para lidar com os programas de computador que armazenam e fazem o tratamento de imagens e que a empresa teve que contratar um operador de processamento de dados para auxiliar os fototojornalistas.

A experiência com a câmera digital Copix também apresentou outro desafio quando os fotógrafos iam a campo. O registro da imagem que ela fazia era demorado, em face da limitação que tinha o chamado “atraso do obturador”, que é o tempo de demora do instante que o disparador é apertado, até o instante em que a fotografia é tirada. O fotojornalista Assis Fernandes (2016) relata que ficava “agoniado”, uma vez que antes trabalhava com máquinas analógicas que eram rápidas, enquanto que com a digital quando ia fotografar, por exemplo, uma pessoa que ia cumprimentar outra, tinha-se que fotografar no instante em que se começava a estender mão para o outro, caso contrário não daria tempo para a câmera registrar aquela ação.

Na era analógica, sem o auxílio do computador e da internet, quando os fotógrafos chegavam da rua e seguiam direto para o laboratório, onde faziam o copião com as imagens pequenas, depois as levavam para que os editores escolhessem as melhores imagens, o fotógrafo voltava novamente ao laboratório para ampliar as fotos selecionadas. Depois disso, as imagens eram levadas para os editores de páginas que juntavam com os textos e repassavam para o diagramador.

Conforme Gallas e Rodrigues (2005), o jornal *O Dia* passou a utilizar computadores nas redações no começo dos anos 1990. Pouco tempo depois introduziu uma rede interna que interligava os diferentes terminais de computadores onde passaram a serem postados e armazenados textos e fotografias, que após analisados e editados eram repassados à diagramação. Esse processo possibilitou

economia de custos com pessoal, de suprimentos, rapidez e, principalmente, diminuição de tempo do processo produtivo.

Para ingressar na era digital, a fotografia analógica tinha que mudar de formato. Para isso, fazia-se no laboratório analógico as cópias das imagens selecionadas pelo editor, depois elas eram escaneadas, digitalizadas em novo formato, para que, assim, fossem incorporadas por programas de computador e depois tratadas. Com a introdução da câmera digital e da internet nas redações, esta etapa foi suprimida e as imagens passaram a ser armazenadas diretamente num programa de computador onde recebem tratamento e depois são colocadas à disposição via rede na internet para os editores de página, editor geral e da diagramação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia digital mudou substancialmente as rotinas produtivas na área do fotojornalismo. Num primeiro momento, os profissionais enfrentaram incertezas, o que gerou receios e o desafio de buscar mais conhecimento técnico para poder manusear as primeiras câmeras digitais, além da dificuldade em utilizar os programas de computadores. Num segundo momento, resultou no fechamento do laboratório analógico, na mudança do processo de registro das imagens, no armazenamento, na integração com as outras áreas da redação do jornal, além da seleção e edição das fotografias a serem aproveitadas e diagramadas nas páginas. Uma terceira etapa desse processo proveio da estagnação e de uma crise na atividade de fotojornalismo.

Passados quinze anos da transição da fotografia analógica para a digital em *O Dia*, contatou-se que alguns dos fotojornalistas que estavam naquele período ainda continuam trabalhando no impresso. Não houve expansão do número de profissionais, aliás, aconteceu foi uma redução. Antes da digitalização tiveram momentos em que no jornal trabalhavam três fotógrafos e um laboratorista. Aos repórteres fotográficos vem sendo imposto que além de fazerem fotos passem

também a fazer matérias. A redação também passou a incorporar uma quantidade maior de estagiários, que fazem o trabalho de escrever e fotografar como se fossem profissionais.

O repórter fotográfico que na era analógica revelava e copiava suas fotos no laboratório para que fossem selecionadas pelo secretário de redação ou editor, na fase digital passou a postar suas imagens diretamente no computador, local onde é criada uma pasta que é acessada pelos editores de páginas que agora selecionam e diagramam junto com os textos na página. A digitalização, ao tempo em que deu velocidade, encurtou e integrou o processo produtivo, reduziu o número de profissionais necessários, deixando sobrecarregados os que ficaram ao impor uma quantidade maior de funções e de competências, o que prejudica a apuração do acontecimento.

Constata-se que tanto no período analógico quanto no início da fase digital, a empresa *O Dia* priorizava investir mais no seu parque gráfico do que na qualificação dos fotojornalistas, ou mesmo na melhoria tecnológica dos equipamentos fotográficos. A introdução da câmera digital aconteceu em função da redução de custos e também por pressão dos fotógrafos do próprio impresso que, ao fazerem pautas nas ruas, percebiam que um jornal concorrente, no caso, o *Meio Norte*, já estava usando máquinas digitais quatro anos antes, além de este utilizar melhor fotografias coloridas em sua capa principal e nas capas e contracapas dos cadernos internos.

A atividade de repórter fotográfico entrou em uma fase de desvalorização com a era digital. Os profissionais que atuam nos três maiores jornais impressos de Teresina afirmam que essa inovação tecnológica massificou mais ainda o uso das câmeras, que agora vêm acopladas aos celulares, de modo que qualquer pessoa que tenha um aparelho com este recurso pode fotografar um determinado fato e enviar para a redação, sem cobrar nada, bastando que seu nome seja colocado na foto.

Os fotojornalistas avaliam que a qualidade informativa das imagens produzidas na era digital piorou, já que as empresas aproveitam bastante as fotografias disponíveis na internet ou de pessoas comuns que apenas ilustram determinados acontecimentos. Os repórteres fotográficos reclamam que a

digitalização trouxe mais facilidades para fazer alterações e manipulações das imagens e, com isso, fotos podem ser adulteradas e também os direitos autorais dos fotógrafos desrespeitados. Acontecem muitos furtos e roubos de imagens quando essas são postadas na internet.

Na era analógica, quando o fotógrafo saía da redação do jornal e se dirigia para a rua para capturar fotos, ele seria acompanhado por um repórter responsável para escrever o texto. Geralmente, antes de o fotógrafo ir a campo, o editor e os editores de páginas diziam para ele como queriam as imagens; ou, então, durante o percurso ou mesmo no local onde seria registrado o acontecimento, o fotojornalista e o repórter dialogavam e planejavam como as fotos deveriam ser produzidas. Na era digital, o editor e os editores continuam sugerindo, só que a tendência é que o fotojornalista faça as imagens e também escreva o texto da matéria.

O jornalista Mussoline Guedes (2016) avalia que a tecnologia digital ampliou as possibilidades para o fotojornalismo. Disponibilizou novas ferramentas técnicas e impôs o desafio de conhecer e dominar novos recursos das câmeras e assim tirar maior proveito no ato de fotografar. Somado a isso, novas linguagens estéticas vem sendo experimentadas, que resultam de fabricações e fusões de imagens.

Com a digitalização fotográfica no processo produtivo de *O Dia* as rotinas de trabalho dos repórteres fotográficos foram profundamente modificadas e a produção de fotografia e do fotojornalismo do impresso incorporou mais possibilidades técnicas e reduziu despesas das empresas com a compra de suprimentos para laboratório, proporcionou agilidade e integrou os setores produtivos.

Constatou também que a escassez de investimentos em qualificação profissional e facilidade de obtenção de imagens publicadas na internet vêm contribuindo para desvalorizar a atividade de repórter fotográfico e, por consequência, a maioria das fotos produzidas representam mera ilustração, pouco informativas e que raramente refletem a prática em fotojornalismo que persegue a imagem espontânea e de flagrantes dos acontecimentos.

A digitalização alterou de forma significativa a atividade do repórter fotográfico, contudo permanece o desafio de que fotografia informativa precisa de conhecimento técnico do equipamento para ser mais bem produzida. Dos novos repórteres fotográficos é cobrado que incorporem novas competências e funções,

que renovem a linguagem visual, estética e informativa e, por consequência, os leitores avancem na compreensão de as fotografias não são representações fieis da realidade.

REFERÊNCIAS

BENAZZI, Lauriano Atílio. **Informação, técnica e estética: os valores da imagem fotojornalística.** Intercom, Caxias do Sul, 2010.

CASTILHO, Carlos. **A política brasileira entre o caos e a disrupção.** Observatório da Imprensa, 20 de junho de 2016. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/processo-do-impeachment/politica-brasileira-entre-o-caos-e-disrupcao/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

DULTRA, Amanda e Rodrigo Rossoni. **Fotojornalismo no contexto digital: uma análise preliminar sobre novas condições de trabalho.** XXXV Intercom, Fortaleza, 2012.

GALLAS, Ana Kelma C.; RODRIGUES, Maria da Luz. O processo de informatização da imprensa piauiense. **Revista FSA**, Teresina, n. 2, ano 2, p. 122-146, abr. 2005.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Impacto da fotografia digital no fotojornalismo diário: um estudo de caso.** Florianópolis, 2000. 101f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A fotografia sob o impacto da eletrônica.** In: _____. **O fotográfico.** São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, José Afonso da; QUEIROGA, Eduardo. **Fotojornalismo Colaborativo em tempo de Convergência.** Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2010.

SILVA JR. José Afonso. **O fotojornalismo em tempo de convergência digital: entre algumas permanências e outros desvios.** São Paulo: SBPJOR, 2008.

_____. **Da foto à fotografia: os jornais precisam de fotógrafos?** Salvador: EDUFBA, 2014. (Contemporânea Comunicação e Cultura).

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto-Portugal, 2002. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

ENTREVISTAS

ALVES, José: **Entrevista concedida a Cantídio Sousa Filho**. Teresina, 2016.

DOURADO, Jacqueline Lima: **Entrevista concedida a Cantídio Sousa Filho**. Teresina, 2017.

FERNANDES, Assis. **Entrevista concedida a Cantídio Sousa Filho**. Teresina, 2016.

FONTENELE, Elias: **Entrevista concedida a Cantídio Sousa Filho**. Teresina, 2016.

GILÁSIO, Francisco. **Entrevista concedida a Cantídio Sousa Filho**. Teresina, 2016.

GUEDES, Mussoline. **Entrevista concedida a Cantídio Sousa Filho**. Teresina, 2016